

# “Volveremos a la montaña!”

## Sobre o foquismo e a luta revolucionária na América Latina<sup>1</sup>

Mário Maestri

### Resumo

O artigo refere-se ao caráter tardio da chegada do marxismo à América Latina como movimento teórico e prático, e visa à inexistência até inícios do século 20 de operariado urbano capaz de acaudilhar projeto de emancipação social. Destaque que, quando do primeiro impulso industrial vivido por países americanos, o movimento comunista, sob direção stalinista, após período esquerdista, propugnou pelo colaboracionismo com a burguesia, facilitando o controle populista-burguês do operariado em importantes países da região. Define a Revolução Cubana como uma das fundamentais razões da crise relativa da direção stalinista nos anos 1960. Propõe que a concorrência das condições objetivas e subjetivas para a revolução sofreram importante entrave com a generalização na vanguarda revolucionária do continente das propostas foquistas da direção fidel-guevarista. Empreende a exegese e crítica dessas posições. Propõe terem elas nascido de generalização para o continente de balanço arbitrário que superestimou o papel da guerrilha na serra Maestro, desconhecendo o cará-

ter essencial da crise revolucionária que desorganizou a ditadura de Fulgencio Batista. Critica através do ensaio *Revolução na revolução?*, de Régis Debrey, aquelas propostas, assinalando o desastre e confusão política que ensejaram.

*Palavras-chave:* Foquismo. Revolução Cubana. Movimentos sociais.

Ven conmigo  
ven conmigo, escóndete.  
Nuestro jefe está esperando,  
escóndete.  
Caminaremos de noche,  
galoparemos de noche,  
hasta llegar hasta él.  
.....  
Volveremos  
hacia el norte, hacia el sur,  
hacia el indio americano.  
Yo y tú con el ángel de la guarda,  
con la voz de Che Guevara  
disparará mi fusil.

*Victor Jara*

\* Doutor, Professor do PPGH em História da UPF.

## O marxismo e a América Latina

O marxismo defrontou-se com as lutas sociais na América Latina em dois sentidos, profundamente concorrentes. Por um lado, como corrente teórica, aplicada à interpretação dos fatos sociais, passados e presentes, e, por outro, como corrente prática, dedicada à intervenção social no aqui e no agora para a superação das contradições sociais no sentido das necessidades dos trabalhadores. Em sentido lato, em importantes regiões do continente, as lutas sociais, ou seja, a oposição de grupos ou comunidades à opressão, foram anteriores à *conquista* do continente, determinando a seguir o próprio impulso colonizador. É impossível compreender a conquista do Peru e do México sem o apoio inicial aos ibéricos de comunidades locais exploradas pelos segmentos dominantes das formações tributárias inca e asteca.<sup>2</sup>

As Américas conheceram rosário de movimentos de resistência, restritos e amplos, explícitos ou não, contra a colonização ibérica, os quais perderam, crescentemente, a aparência de luta étnica e nacional para assumir mais e mais o caráter de oposição à exploração de classe, sobretudo quando da crise do regime colonial e nos primeiros anos da América independente. Esses movimentos de resistência determinaram a história americana, como nos casos excelentes da confederação dos quilombos de Palmares, no século 17; da insurreição de José Gabriel Condorcanqui (Túpac Amaru II), nos anos 1780, à frente de mestiços, indígenas, cativos e colonos empobrecidos; da Guerra Guaranítica, em

1753-56, no sul da América, que, mesmo derrotada, assegurou por décadas o domínio, mesmo que relativo, de parte dos territórios em disputa às comunidades missioneiras.<sup>3</sup>

Porém, nesse processo geral, as classes subalternizadas jamais obtiveram conquistas substanciais gerais advindas do combate consciente ou semiconsciente às múltiplas formas de exploração. Mais comumente, as grandes lutas sociais coloniais foram vergadas e aplastadas e a própria solução da crise do regime colonial deu-se sob o controle das oligarquias crioulas, como exemplifica a derrota do projeto de independência, de forte cunho social, de José Artigas, na Banda Oriental do Uruguai.<sup>4</sup> As duas grandes exceções foram, certamente, Saint-Domingues/Haiti, de forma ampla, hoje ocupado sobretudo por tropas brasileiras a serviço do imperialismo, onde os trabalhadores escravizados derrotaram o Estado colonial escravista e impuseram formação social baseada fortemente no trabalho camponês livre.<sup>5</sup> E, de forma parcial, o Paraguai, onde a organização social surgida da ditadura republicana do Dr. Francia interpretou as necessidades de pequenos plantadores, criadores e da população nativa. Realidade revertida pela guerra liberal-imperialista empreendida pelo Império brasileiro e pela Argentina mitrista, em 1864-1870.<sup>6</sup>

### Marxismo como método de interpretação

A América Latina foi objeto marginal na análise marxiana, apesar da proximidade familiar de Marx com o continente,

devida a Paul Lafargue, seu genro cubano.<sup>7</sup> Por sua vez, o marxismo foi ali internalizado muito pontualmente, quase como forma de pensamento exótico, momentos após sua constituição como ciência social da classe trabalhadora europeia para a conquista do poder, a partir de meados do século 19, momento demarcado pela publicação do *Manifesto comunista*. Um movimento de escassa conseqüência teórica e prática, devido à inexistência de condições necessárias para que aquela visão de mundo se transformasse em práxis. A inexistência ou fragilidade do operariado moderno no seio de formações sociais americanas ainda essencialmente rurais, apoiadas comumente no trabalho escravizado, servil ou pré-capitalista, entravava a transformação daquelas visões de mundo em leitura radical da realidade e, sobretudo, na construção de programas sociais e políticos ancorados em blocos sociais viáveis.

Em realidades díspares crescentemente mercantis, mais e mais determinadas desde 1848 pelas necessidades da produção capitalista inglesa, já em sua primeira fase imperialista, não existiam classes trabalhadoras socializadas na produção capazes de sustentar projetos político-sociais de superação das formas de dominação e exploração vigentes, interpretando as necessidades históricas dos subalternizados. Em 1871, os trabalhadores parisienses tomaram e mantiveram o poder em Paris, um dos maiores centros capitalistas de então.<sup>8</sup> No Brasil, Estado-continente, no mesmo ano, libertavam-se relativamente os filhos das mulheres escravizadas. Como em Cuba, iria se manter

ainda por quase duas décadas a propriedade do produtor direto pelo explorador!<sup>9</sup> Na Argentina, em 1878-79 procedia-se à “Conquista do Deserto” e ao extermínio das comunidades nativas dos pampas, por exército moderno, e à sufocação das formas *gáuchas* de viver e produzir, para ampliação das áreas da produção mercantil ligadas ao porto de Buenos Aires.<sup>10</sup>

Nos anos 1910, o grande paradoxo-impotência da Revolução Mexicana foi simbolizado pela ocupação e abandono da capital pelos camponeses armados, que, após vitória militar, foram incapazes de levantar programa social que avançasse além da distribuição de terra, garantindo à sociedade formas superiores de organização e às classes oprimidas maiores garantias sobre suas conquistas.<sup>11</sup> Pouco mais de uma década antes, em Belo Monte, no Nordeste brasileiro, rústicos sertanejos armados vergaram importantes expedições policiais regionais e militares nacionais, mas foram incapazes de superar as visões mágicas de mundo e de articular projeto de reforma da propriedade e do Estado.<sup>12</sup> O mesmo aconteceria, em inícios do século seguinte, na fronteira dos estados de Santa Catarina e Paraná, quando da guerra sertaneja do Contestado.<sup>13</sup>

### Pequenas ilhas operárias

Na América Latina, as minúsculas ilhas urbanas de produção capitalista essencialmente manufatureira ensejaram, sobretudo, organização defensiva dos trabalhadores, sob programa e ideologia anarcoindividualista e, a seguir, anarcos-

sindicalista, que não conseguiram, por razões objetivas, superar os limites estreitos das regiões onde se encontravam. No Brasil, após as importantes vitórias operárias de 1906, parte do programa das organizações dos trabalhadores foi conhecer e coordenar os esforços com os outros núcleos idênticos no país. Iniciativas sem maiores desdobramentos, em razão da organização objetivamente regional e do caráter predominantemente rural do Brasil da época.<sup>14</sup> Porém, em 1917, ao igual do que ocorreu através do mundo, a Revolução Russa revolucionou radicalmente a *subjetividade* dos trabalhadores americanos, sobretudo urbanos, ao materializar diante dos seus olhos a possibilidade *objetiva* de os trabalhadores das cidades e dos campos, aliados, conquistarem o poder e organizarem a sociedade segundo as necessidades e os valores do mundo do trabalho.<sup>15</sup> Um impacto acrescido pela situação de crise vivida pela produção capitalista mundial.

Em toda a América Latina, sob o impulso da revolução soviética, grande parte da militância anarquista migrou para o comunismo e para os partidos comunistas nacionais, não raro sem ter muito claro o sentido da evolução. A Revolução Russa causou impacto sobre alguns dos setores médios, sobretudo intelectualizados. Porém, na América Latina, à exceção de casos singulares, como o Chile, que possuía importante setor mineiro, o operariado prosseguiu sendo segmento minoritário, em nações essencialmente rurais, conhecedoras de múltiplas formas de dominação.<sup>16</sup> O processo de industrialização, por substituição de importações, em

importantes regiões da América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Peru, México), sobretudo durante a I Guerra, conheceu comumente forte aceleração desde os anos 1930, criando as condições para a convergência das condições objetivas e subjetivas necessárias para que os trabalhadores se transformassem nos paladinos das classes exploradas latino-americanas. Porém, nesses momentos o movimento comunista internacional já vivia em plena hegemonia da burocracia stalinista.<sup>17</sup> Sob a direção do Bureau para a América Latina da Internacional Comunista, o movimento comunista latino-americano envolveu-se nas aventuras esquerdistas e sectárias do *Terceiro Período* (1928-1934), como o levante aliancista brasileiro de 1935 e, muito logo, em deslavado colaboracionismo com a burguesia nacional-desenvolvimentista, política ditada por visões tacanhas dos interesses diplomáticos da URSS.<sup>18</sup>

De forma geral, a subjunção da ação dos trabalhadores à direção nacional-desenvolvimentista facilitou a perda mais ou menos significativa da hegemonia da esquerda marxista sobre os setores mais avançados do movimento operário para o populismo burguês e pequeno-burguês, em países onde o moderno operariado assumia crescente importância. Foi situação que impediu, igualmente, a construção de interpretações realmente materialistas e de programas operários e revolucionários concretos para o continente, circunscrivendo a forte debilidade teórica marxista continental que vivemos até hoje. De forma geral, a capacidade interpretativa da realidade pelo marxismo, dominada pelas

visões stalinistas, esgotou-se na sua acomodação à cama de Procusto das necessidades políticas frente-populistas. Em fins dos anos 1950, no contexto de um já importante desenvolvimento da produção capitalista em países como o Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Venezuela, México, Cuba, que produzira fortes núcleos de trabalhadoras em condições de se levantarem objetiva e subjetivamente como alternativas nacionais, o movimento operário encontrava-se literalmente apealado pela hegemonia do stalinismo e do populismo pequeno-burguês e burguês.

### Sem alternativas

A oposição efetiva a essa orientação, de um ponto de vista revolucionário, reduzia-se às pequenas organizações anarquistas e, sobretudo, marxista-revolucionárias (trotskistas), as últimas já envolvidas em processo de dispersão ensejado pela construção da IV Internacional em contexto adverso: vitória do nazismo na Alemanha, em 1933; derrota da revolução na Espanha, em 1936-39; assassinato de León Trotsky, em 1939; prestígio do stalinismo após o fim da II Guerra Mundial; necessidade de construção do movimento desde fora da classe operária, etc.<sup>19</sup> Nesse contexto, na América Latina, apenas na Bolívia o movimento trotskista assumiu caráter de massa no seio da classe operária (POR boliviano), capaz de determinar efetivamente a vida política e social nacional.<sup>20</sup> Os frágeis laços do marxismo-revolucionário com o movimento operário latino-americano facilitaram as fortes derivas políticas das

direções ditas *pablistas*, *posadistas*, *morenistas*, etc.

A política nacional-colaboracionista facilitou enormemente a derrota histórica vivida pelo Brasil em 1964, com enormes repercussões mundiais, contribuindo para o fim da hegemonia daquela corrente sobre a vanguarda marxista, comunista e operária, não apenas no Brasil. Mais tarde, essa orientação político-ideológica colaboracionista seria retomada, num contexto estruturalmente diverso, com a vitória da Unidade Popular no Chile, em 1969-73, com resultados ainda mais dramáticos. Acreditamos que alguns grandes fenômenos contribuíram para a crise da hegemonia stalinista sobre o movimento comunista latino-americano a partir da segunda metade dos anos 1960: 1) a abertura de período revolucionário mundial, nos anos 1967-8, devido à crescente crise da expansão capitalista de pós-guerra e à resistência operária à reestruturação capitalista; 2) o forte avanço da luta anticolonial e anti-imperialista, sobretudo na África e na Ásia; 3) a vitória da Revolução Cubana, em 1959, e sua rápida orientação socialista, a partir de 1961; 4) a enorme derrota da estratégia da aliança sob a direção da burguesia democrática no Brasil, em 1964, e na Indonésia, em 1965.

Qualquer balanço crítico sobre a ação da esquerda marxista e de suas relações com o movimento social latino-americano nas décadas determinantes de 1960 e 1970 deve, necessariamente, considerar dois fenômenos germinais e contraditórios, apesar de sua gênese única. Primeiro: o enorme impulso revolucionário propicia-

do à América Latina pela vitória popular e socialista sobre a ditadura de Fulgencio Batista, literalmente nas barbas do imperialismo estadunidense, em 1959-61. Segundo: a não menor desorganização geral de enorme parte da vanguarda marxista pelas propostas fidel-guevaristas guerrilheiras vanguardistas (foquismo), nascidas de arbitrária interpretação e generalização das “lições da Revolução Cubana”, assentadas em visão unilateral que maximizou e extrapolou o papel da luta guerrilheira na Serra Maestra, desconhecendo a desorganização da coerção estatal pela crise revolucionária geral da sociedade cubana.<sup>21</sup>

## Revolução Cubana: realidades e interpretações

A celebração do cinquentenário da Revolução Cubana constitui ensejo para aprofundar o balanço sobre a derrapagem guerrilheira ensejada pelas propostas fidel-guevaristas, de consequências dramáticas sobretudo – mas não apenas – para a vanguarda latino-americana. Processo crítico iniciado na época daqueles fatos com destaque para os anos 1970, que, entretanto, não alcançou legitimação teórico-prática, sobretudo devido ao enorme prestígio da Revolução Cubana na época, transferido para aquelas visões. Autocrítica sistemática, desde um ponto de vista do mundo do trabalho, dificultada a seguir, quando do fracasso rotundo das propostas foquistas, pelo refluxo do processo revolucionário mundial a partir dos anos 1980,

que enfraqueceu crescentemente a própria proposta e ideia de revolução social.

A gênese e a consolidação das propostas foquistas pela direção fidel-guevarista deram-se através de verdadeira “construção de tradição” sobre a Revolução Cubana, efetivada comumente pelo silêncio sobre fatos determinantes e ênfase em acontecimentos marginais. Entre eles destacam-se o caráter inicial pequeno-burguês, desenvolvimentista e antissocialista do futuro Movimento 26 de Julho e a sua proposta de derrubar a ditadura de Fulgencio Batista (1901-1973), instalada em março de 1952, por meio de ação militar que, pelo seu impacto, ensejasse sublevação nacional, um pouco como ocorrera quando da queda da ditadura de Geraldo Machado (1871-1839), em 12 de agosto de 1933, ocorrida com mobilizações e greves sobretudo operárias, que incendiaram a ilha. Quando da revolução de 1933, engenhos foram ocupados, formaram-se brigadas operárias armadas, a suboficialidade do Exército rebelou-se, sob a direção de um sargento mulato de extração popular. Após a queda do ditador, governo reformista promoveu algumas medidas democráticas e sociais. Porém, muito logo, no contexto de forte resistência social, o poder passou a ser exercido, de forma indireta e direta, pelo novo caudilho populista das Forças Armadas, das classes dominantes cubanas e imperialismo, o ex-sargento e ex-revolucionário Fulgencio Batista.

Em julho de 1933, sob a orientação sectária do Terceiro Período, o Partido Comunista cubano não apenas se pôs às greves que levariam à queda do governo,

como empreendeu forte oposição ao governo pequeno-burguês reformista que surgiu da queda da ditadura, definido de social-fascista, para, após 1935, obedecendo à guinada da Internacional Comunista estalinizada, que exigia agora a aliança dos trabalhadores aos setores progressistas da burguesia, passar a apoiar Fulgencio Batista, eleito presidente para o período 1940-44, em aliança com o Partido Socialista Popular (denominação do PCC desde 1944)! Em 13 de julho de 1940, referindo-se a Batista, o jornal comunista HOY escrevia: “Cubano ciento por ciento, celoso guardador de la libertad patria [...] prohombre de nuestra política nacional, ídolo de un pueblo que piensa [...] hombre que encarna los ideales sagrados de una Cuba nueva [...].”<sup>22</sup> Comunistas seriam ministros no governo de Fulgencio Batista. A *love story* dos comunistas com a burguesia cubana terminaria apenas em 1947, quando foram defenestrados do agradável convívio com o poder por instruções estadunidenses, devido ao início da Guerra Fria.<sup>23</sup>

São pouco enfatizadas as origens do futuro Movimento 26 de Julho, a partir da fratura, em maio de 1947, do Partido Revolucionário Cubano (Autêntico), nacionalista-burguês, comandada por Eduardo Chibás (1907-1951), político cubano populista, moralista, anti-imperialista e anti-comunista. Desse fracionamento nasceu o Partido do Povo Cubano (Ortodoxo), de programa burguês-reformista e moralizador, de crescente prestígio em Cuba – “Prometemos não roubar”. A possível vitória eleitoral ortodoxa fora impedida pelo golpe militar de Fulgencio Batista de 1952.

Em 26 de julho de 1953, quando dos assaltos dos quartéis Moncada (Santiago de Cuba) e Céspedes (Bayamo), sobretudo por militantes ortodoxos radicalizados, Fidel Castro, então com 26 anos, ex-candidato ao Congresso, portava o “último discurso” radiofônico de Eduardo Chibás”, que o líder encerrara estourando os miolos! Fidel contava levantar com ele a população, por meio de transmissão por rádio, caso os assaltos vingassem.<sup>24</sup>

Boa parte dos 160 revolucionários ortodoxos foi massacrada após os combates e Fidel foi preso e condenado a quinze anos de prisão, sendo mais tarde anistiado, em 1955. Transformada em opúsculo, sua defesa foi maciçamente divulgada, em abril de 1954, sob o título *A história me absolverá*, frase conclusiva dessa proclamação revolucionária diante do tribunal de exceção. O assalto, o massacre, a defesa apaixonada e intransigente transformaram Fidel Castro em referência política nacional. O jovem líder se afastaria do Partido Ortodoxo apenas em 9 de março de 1956, sem deixar de contar com o apoio econômico e político de importantes lideranças daquela agremiação e de segmentos da burguesia na oposição.<sup>25</sup>

### Estratégia putchista

Como quando dos assaltos aos quartéis Moncada e Céspedes, o Movimento 26 de Julho, fundado informalmente em 1955 no México, seguiu propondo a sublevação nacional, após golpe *putschista*. Para tal, organizou-se o desastrado desembarque em Cuba, igualmente comandado por Fi-

del Castro, de pequeno grupo de oitenta combatentes, em 2 de dezembro de 1956, transportado pelo iate Granma, dois dias mais tarde do combinado levantamento em Santiago de Cuba e outros movimentos grevistas e de protesto. Após desembarque tumultuado e grave derrota militar em Alegria del Pio, Castro e quinze combatentes remanescentes – entre eles Raul Castro e Che Guevara – refluíram para a próxima serra Maestro, território pobre, isolado, pouco povoado, onde, apoiados por camponeses desde os primeiros momentos, mantiveram-se entrincheirados, como retaguarda armada de movimento de oposição atuante através de toda a ilha.

Então, todos no Movimento 26 de Julho e demais organizações associadas no combate à ditadura, com destaque para o Diretório Revolucionário, nas cidades, nos campos e na serra, propunham a insurreição geral como estratégia de deposição da ditadura, sem qualquer esperança de derrotar o poderoso exército do Estado a partir dos desmilinguidos guerrilheiros rurais. Em inícios de 1958, um ano após o desembarque no Granma e um ano antes da queda da ditadura, os guerrilheiros na serra Maestro eram uns duzentos homens, enquanto o exército ditatorial superava os cinquenta mil soldados. Não constituíam fonte de inquietação para a ditadura sanguinária e o imperialismo, que não se aplicou verdadeiramente na sua destruição até meados de 1958.

Em 30 de julho de 1957, o assassinato de Frank País, dirigente do Movimento 26 de Julho, em Santiago de Cuba, ensejou amplo movimento espontâneo de greves, a

partir daquela e em outras grandes cidades da ilha, demarcando a oposição popular ao regime. Em inícios de 1958, a ação do Movimento e de outras organizações antiditatoriais através de Cuba e a crise social e política avançavam de tal modo que a direção do 26 de Julho, localizada integralmente na cidade, em acordo com Fidel Castro, propôs greve geral nacional para lançar estocada final na ditadura. O manifesto de 22 pontos, assinado por Fidel Castro em 12 de março, designava como presidente do Governo Provisório Manuel Urrutia Lleó (1908-1981), que presidiria, mais tarde, Cuba revolucionária, antes de abandonar a ilha e aderir à contrarrevolução. A organização da greve geral deu-se segundo os princípios políticos e estratégicos do Movimento, de surpresa, sem a incorporação das principais organizações operárias, com destaque para o Partido Socialista Popular, mantido conscientemente à margem do comitê organizador clandestino da mobilização, por razões táticas, políticas e ideológicas.

Fidel Castro sempre se mostrara contrário à incorporação dos comunistas, temendo as consequências no que se refere aos componentes do frente antiditatorial.<sup>26</sup> Possivelmente, a colaboração passada dos comunistas com Fulgencio Batista tenha também fortalecido aquela resistência. Às 11 horas de 9 de abril, destacamentos do Movimento 26 de Julho “interromperam as transmissões da Rádio Relógio e da Onda Hispano Cubana” para conclamar os trabalhadores à greve. Ocupados em seus afazeres, uma enorme parte do operariado sequer escutou a conclamação para “greve

geral revolucionária”; não poucos temeram se tratar de provocação da ditadura ou não aderiram por não escutarem a conclamação de suas organizações, etc. Militantes dos comandos armados que apoiariam a greve geral fracassada foram massacrados e ações planejadas através da ilha não se cumpriram ou pouco prosperaram. O fracasso da greve geral insurrecional constituiu uma enorme derrota para o Movimento 26 de Julho.<sup>27</sup> Entretanto, como veremos, não circunscrevia refluxo da oposição popular crescente à ditadura, como parece ter sugerido.

Apenas após o inevitável fracasso da proposta greve geral convocada de surpresa pela direção urbana do 26 de Julho, com a plena concordância e participação de Fidel Castro na serra, foi que a direção política do movimento passou da cidade para a montanha, assumindo então Fidel Castro a secretaria geral do movimento, além do comando do pequeno núcleo armado. Uma transferência precautória devia, em grande parte, à resposta repressiva que se abateu sobre os militantes nas cidades depois do fracasso da aventura grevista.

A violenta repressão desencadeada pela greve fizera escassear até a generosidade de alguns bons burgueses: se antes era possível obter abrigo e auxílio em lares de classes média e alta, agora na grande maioria deles não se atendia ao telefone, nem se franqueava a porta. Mas a direção só podia enviar para a Sierra os militantes de grande risco. Na cidade, o Movimento 26 de Julho entrava em profunda crise.<sup>28</sup>

Entre outros, o 26 de Julho e a luta antiditatorial contavam com apoio de seto-

res da burguesia açucareira descontentes com a orientação econômica e política da ditadura, que suspendera a venda de açúcar para a URSS e países do Leste Europeu, em razão da exigência estadunidense. A transferência da direção do Movimento da cidade para o serra possuiu, igualmente, sentido político, já que Fidel Castro, Che Guevara, Raul Castro, etc. constituíram fração da chefia do movimento indiscutivelmente mais radicalizada, contrária às acomodações com a ditadura e o imperialismo, apesar de não terem superado ainda o programa democrático-reformista inicial.

Após o fracasso da greve geral insurrecional, a ofensiva da ditadura expandiu das cidades para a serra Maestro, com o envio, por primeira vez, de fortíssimo contingente de dez mil soldados, apoiado pela Aeronáutica e pela Marinha militar, para pôr fim definitivo ao frágil núcleo armado. Mesmo com os companheiros transferidos da cidade, nesse momento o núcleo rural armado não contava mais de 280 combatentes! Apenas duzentos a mais do que os desembarcados em dezembro de 1956! Porém, para enorme surpresa dos próprios guerrilheiros, que esperavam tempos difíceis, em poucas semanas, após alguns duros e tensos combates, a ofensiva geral de abril da ditadura, derrotada, refluía, e os gatos-pingados da serra conheciam o milagre da multiplicação dos pães. Fidel Castro recorda esses estranhos momentos: “Depois da ofensiva, que durou aproximadamente uns 35 dias, em vez de 300 éramos mais de 800 homens armados”. Paradoxal fortalecimento que jamais cessou de cres-

cer até o abandono de Fulgencio Batista da ilha, em 1º de janeiro de 1959, e o posterior ingresso das colunas guerrilheiras em La Habana.

Na natureza física e social não há milagres. Apenas a transformação da crise revolucionária, que abraçava a ilha, em situação revolucionária, após o fracasso da tentativa do *putsch* grevista, e o espriar-se da insubordinação/insurgência popular nas cidades e campos, através de greves, confrontos, ações armadas, grupos guerrilheiros, etc., explicam o paradoxal fortalecimento do minúsculo, mas decidido, núcleo armado guerrilheiro imediatamente após a aparente gravíssima derrota de abril. Havia muito que, ao defrontar-se com população semissublevada, desmoralizados, os soldados negavam-se a sair dos seus quartéis; rendiam-se, mesmo quando superavam fortemente em número os oponentes; abandonavam as armas; saltavam para o outro lado da trincheira. Em verdade, o exército da ditadura ruiu sem sequer ter podido organizar confronto geral com as colunas guerrilheiras, que se avolumavam à medida que evoluíam aguerridas através do país. Fora os combates travados na serra, quando da ofensiva da ditadura, as forças revolucionárias travaram apenas um confronto de maior amplitude, em Santa Clara, sob as ordens de Che Guevara, antes da fuga de Fulgencio Batista e da literal dissolução do Exército ditatorial, processo ainda pouco estudado e conhecido.

## A revolução em marcha

A assinalada origem do Movimento 26 de Julho nos partidos Autêntico e Ortodoxo circunscreveu o seu caráter democrático-burguês, desenvolvimentista e antisocialista, oposto à luta de classes, que se manteve literalmente até após a conquista do poder, em janeiro de 1959, processo em geral pouco enfatizado pelos analistas de esquerda da Revolução Cubana. Em julho de 1958, já em plena crise da ditadura, quando o “processo insurrecional” se havia “estendido a todo o país”, em nome do Movimento 26 de Julho Fidel Castro assinou o “Pacto de Caracas” com membros da oposição burguesa, representada pelos Partido Cubano Revolucionário (Autêntico), Partido Democrata, etc., que acordava conduzir o país, após a “queda do tirano” e um “breve governo provisório”, à “normalidade” e ao “procedimento constitucional e democrático”. O programa mínimo do novo governo prometia “o castigo dos culpados, os direitos dos trabalhadores, a ordem, a paz, a liberdade, o cumprimento dos interesses internacionais e o progresso econômico, social e institucional”. O Partido Comunista cubano ficara fora do acordo.<sup>29</sup>

Fidel Castro detalhara em *A história me absolverá* o programa político do futuro Movimento 26 de Julho. No plano econômico, o programa defendia, sobretudo, a promoção por governo revolucionário provisório do aumento dos salários dos professores, militares, etc.; a entrega da terra, com indenização dos proprietários, aos “colonos, subcolonos, arrendatários, parceiros e precaristas”, até 67 hectares;

a participação dos operários nos lucros das empresas e dos colonos no rendimento da cana-de-açúcar; o apoio à industrialização; a nacionalização do *Trust* Elétrico e Telefônico. O programa defendia a reforma agrária, da educação, da saúde, da habitação, da Justiça, da administração; uma política internacional progressista e a luta contra a corrupção.<sup>30</sup> Após implementadas essas ações, eleições gerais promoveriam a volta à normalidade constitucional.

No corpo do programa e na longa defesa de Fidel Castro, não há quaisquer referências ao socialismo ou a medidas que ultrapassassem as instituições burguesas. Não mentia nem era oportunista o jovem comandante máximo do vitorioso Movimento ao declarar, em 17 de abril de 1959, quatro meses após a conquista do poder, em Washington, na Associação de Diretores de Jornais: “Não sou comunista, nem estou de acordo com o comunismo [...]” “A democracia e o comunismo não são uma e a mesma coisa para mim.”<sup>31</sup> Essa era a situação política e ideológica geral do núcleo dirigente guerrilheiro e da direção máxima do 26 de Julho quando da vitória, em inícios de 1959.

Corre *chiste* em Cuba que, após a vitória, Fidel Castro distribuiu *cientificamente* os ministérios. Sobre uma mesa, perguntou, aos gritos, as especializações dos guerrilheiros dirigentes. A um engenheiro, coube o ministério de Obras Públicas; a um professor, o da Educação. Ao perguntar quem era economista, por duas vezes, apenas Che teria levantado a mão, no fundo da sala, recebendo a direção da economia de um Fidel perplexo, que, após

a reunião, tomou o argentino pelo braço e lascou: “Che, não quis te retrucar! Mas tu és médico, não economista!” Ao que o jovem comandante guerrilheiro respondeu, surpreso: “Mas Fidel, aqui atrás entendemos que perguntavas quem era comunista!” Registre-se que a formação marxista de Che, assim como a de Raul Castro, não superava muito a leitura de alguns textos e uma profunda simpatia para com a área socialista. Porém, já na serra, como comandante, sobretudo Che apontara para a necessidade de uma revolução social e anti-imperialista.<sup>32</sup>

#### De 1959 a 1961

A solução do aparente paradoxo entre o programa democrático-burguês do Movimento 26 de Julho e da direção vitoriosa em 1º de janeiro de 1959 e a rápida evolução ao socialismo, consubstanciada já na segunda metade de 1960 e anunciada em abril do ano seguinte, pode ser encontrada também na denúncia dura, sentida e sem restrições, por Fidel Castro, em *A história me absolverá*, das desapiedadas condições de exploração e de miséria em que se encontravam enormes parcelas da população cubana no relativo ao trabalho, à saúde, à moradia, à educação, à justiça, que os jovens revolucionários juravam resolver. Diante do tribunal de exceção, Castro justificou as pretensões de vitória quando do assalto ao Moncada, precisamente, pela certeza de poderem “contar com o povo”.

Entendemos por povo, quando falamos de luta, a grande massa não redimida, a qual todos oferecem e a qual todos enganam e traem, que anela uma pátria me-

lhor e mais digna e mais justa; que está movida por ânsias ancestrais de justiça por ter padecido a injustiça e a burla, geração após geração, que deseja grandes e sábias transformações em todos os níveis e está disposta a dar, para lográ-las [...] a última gota de sangue.<sup>33</sup>

A contradição insolúvel entre os objetivos propostos, abraçados vigorosamente pelos trabalhadores cubanos insurreccionados, e os meios iniciais inconsequentes propostos para obtê-los pela direção do Movimento 26 de Julho, conformada sobretudo por jovens pequeno-burgueses radicalizados, ou seja, o programa democrático-desenvolvimentista burguês, ensejou imediato movimento em direção à expropriação da burguesia cubana e do imperialismo, fortemente acelerado pela sabotagem geral da economia cubana pelo imperialismo – interrupção de compra de açúcar pelo governo estadunidense; negativa da Esso, Shell e Texaco de refinar o petróleo chegado a URSS –, que precedeu e preparou a invasão da baía dos Porcos por mercenários do imperialismo, em 17 de abril de 1961. Movimento de expropriação imprescindível ao cumprimento mínimo das próprias reformas democráticas propostas – e materializadas – nas décadas seguintes, em relação à moradia, educação, alimentação, saúde, ao trabalho, etc. Movimento realizado sob a enorme pressão da necessidade econômica e, sobretudo, das forças trabalhadoras e populares. Uma evolução que ensejou fratura entre a direção estendida do Movimento e, sobretudo, do bloco antiditatorial, com defecções de dirigentes da própria luta armada – Movimento 26 de Julho, Diretório Revolucionário, Segundo Front de Escam-

bray, etc. – para a contrarrevolução, inconformados com a radicalização operária, plebeia e socialista da revolução.

Um processo no qual a crise revolucionária ensejara dualidade de poderes fortemente favorável às classes populares, ao promover a literal dissolução do Estado burguês e o surgimento de núcleo de poder revolucionário, ainda que não diretamente operário, que literalmente se apoiou no e interpretou as massas trabalhadoras ao assumir posições jamais sonhadas, sequer em janeiro de 1959, quando da queda da ditadura. Uma direção que, como não podia deixar de ser, certamente teve uma consciência apenas parcial das razões de sua própria acelerada evolução político-social. Nesse sentido, não procede o mito contrarrevolucionário de direita, dos jovens barbudos, “lobos travestidos em cordeiros”, propondo a luta democrática contra a ditadura para, quando possível, implantar um socialismo desejado ou sonhado desde o primeiro momento. Ou a racionalização de esquerda, de um movimento com dois programas e duas etapas, definidos conscientemente e cumpridos sucessivamente: a primeira democrático-burguesa e a segunda, socialista.<sup>34</sup>

Destaque-se que, devido a suas políticas colaboracionistas, determinadas pelo stalinismo, o partido comunista cubano jamais propusera, igualmente, para as massas trabalhadoras a conquista do poder e a instauração do socialismo. A própria direção soviética teria visto, em abril de 1961, com mal-estar a clara definição socialista da Revolução Cubana. Mais do que ter feito a revolução socialista, a direção cubana foi feita socialista por ela, isso sem que o

próprio processo não tenha sido fortemente determinado, naquele sentido por aquele núcleo revolucionário.

## A Revolução Cubana e as raízes do foquismo

O balanço geral da Revolução Cubana, posterior aos fatos será dominado pelo núcleo dirigente fidel-guevatista, de extração social e política sobretudo pequeno-burguesa, de limitada formação política, sobretudo marxista, e praticamente sem vínculos orgânicos e políticos com a luta popular e dos trabalhadores, nos anos anteriores e sobretudo durante os cruciais momentos finais da revolução. Um balanço realizado, como proposto, quase exclusivamente da ótica da serra, pelo arbitrário superdimensionamento, certamente em grande parte inconsciente, da importância da ação guerrilheira, compreendida como verdadeiro *deus ex-maquina*, como o *alfa* e o *ômega* do processo revolucionário cubano como um todo. Uma leitura que não enfatizou o deslocamento tardio, meses antes da débacle da ditadura, da dominância da cidade sobre a serra e da literal dissolução do Estado ditatorial pela insurgência das classes trabalhadoras e populares, condições *sine qua non* para o próprio avanço e vitória das colunas guerrilheiras, como também assinalado.

Após a fragorosa derrota da invasão imperialista da baía dos Porcos, em abril de 1961, com mais de 1.500 mercenários cubanos, e a radicalização da revolução em direção de posições socialistas, o imperialismo estadunidense, capitaneado por J.F.

Kennedy (1917-63), promoveu a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), em janeiro de 1962, na conferência de Punta del Este (Uruguai), e uma ampla campanha em Cuba de sabotagens e ataques terroristas. A direção cubana respondeu prontamente à tentativa de isolamento do novo regime cubano com a defesa da necessidade da revolução socialista latino-americana. Revolução que prometeu e passou imediatamente a apoiar, apesar de com isso se opor frontalmente à proposta de “convivência pacífica da URSS”, sua nova e poderosa aliada. Mais tarde, em 10 de agosto de 1967, no encerramento da I Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade, que lançaria oficialmente a estratégia guerrilheira vanguardista cubana para o continente (foquismo), Fidel Castro foi cabal sobre a dependência da revolução como um todo do pequeno núcleo revolucionário:

Qualquer um que fique esperando que as idéias triunfem primeiro nas massas, de maneira majoritária, para iniciar a ação revolucionária, não será jamais revolucionário [...]. Se nós tivéssemos tido essa concepção, jamais teríamos iniciado um processo revolucionário. *Bastou que as idéias tivessem força em um número suficiente de homens para iniciar a ação revolucionária; e, através da ação, as massas foram adquirindo essas idéias, e as massas foram adquirindo essa consciência.*<sup>35</sup>

Visão que desconhecia a dissolução – e suas razões e dinâmicas profundas – da coerção da sociedade pelo Estado burguês, devido à semi-insurreição que se espalhou pela ilha. Crise geral que, inicialmente, impediu a repressão maciça aos guerrilheiros

e garantiu a substituição das suas perdas e, a seguir, propiciou a adesão maciça de combatentes. Movimento social concluído com a literal insurreição popular, que desorganizou a repressão, impedindo confronto geral entre as colunas guerrilheiras e as forças militares ditatoriais, como proposto. Salvo engano, processo ainda hoje pouco analisado pela historiografia da Revolução Cubana. Embebida desde 1959, quando da vitória da revolução, por essa visão, mesmo antes de 31 de junho de 1967, quando da primeira conferência da OLAS, a direção fidel-guevarista, em processo de consolidação no novo Estado, propôs generalização e universalização, sobretudo para a América Latina, do abusivo e unilateral balanço que realizara sobre as razões da vitória, servindo-se do enorme prestígio e esperanças despertadas pela revolução, para difundir e apoiar, política e materialmente, a proliferação da implantação de focos guerrilheiros urbanos como estratégia de assalto ao poder.

A melhor e mais conhecida apresentação da proposta guerrilheira vanguardista (foquista) apoiada nesse balanço parcial e distorcido da Revolução Cubana foi produzida pelo intelectual francês Régis Debray, de 26 anos, no ensaio *Revolução na revolução?*, redigido a partir de “longas discussões” com Fidel Castro, que releu os originais, antes que fossem semioficializados por tiragem cubana de duzentos mil exemplares, em janeiro de 1967. O livro constitui excepcional registro do espírito daqueles anos e da total ruptura da direção fidel-guevarista com as tradições e concepções políticas marxistas no que se

refere às práticas, táticas e estratégicas da luta anticapitalista, praticamente reduzidas a uma questão militar.<sup>36</sup> O citado discurso de encerramento de Fidel Castro do I Congresso da OLAS apresenta, igualmente, síntese sobre as visões foquistas, apenas menos desenvolvida e sistemática, e com indiscutíveis concessões e adaptações devido às críticas então apresentadas, sobretudo por militantes dos partidos comunistas latino-americanos presentes no encontro.

### Luta armada exemplar e incondicional

O foquismo tem como quase único e miserável axioma a proposta da desnecessidade e improcedência da organização unitária dos trabalhadores da cidade e do campo, superada pela implantação de um pequeno núcleo de jovens armados em uma zona “relativamente pouco povoada”.<sup>37</sup> Para a estratégia foquista, era totalmente obsoleta a proposta marxista revolucionária da organização dos trabalhadores desde seus níveis de consciência e reivindicações, na perspectiva da construção de acumulação de forças que permitisse a complexa destruição armada e o reorganização do Estado burguês, quando dadas as “condições objetivas e subjetivas” para um “processo revolucionário”, ou seja, quando a sociedade conhecesse “situação revolucionária”, analisada detalhadamente por V.I. Lenin.<sup>38</sup> Para a tática-estratégia foquista, na qual a luta armada constitui o começo, não o final, da ação política revolucionária, escapavam apenas, *temporariamente*,

alguns poucos países latino-americanos, segundo o próprio Fidel no citado discurso: “E nós mesmos não duvidamos que exista alguns países nos quais esta tarefa não é uma tarefa imediata, mas estamos convencidos de que é uma tarefa a longo prazo [a la larga].”<sup>39</sup>

Paradoxalmente, a proposta tradicional do movimento comunista revolucionário de mobilização dos trabalhadores dos campos e das cidades a partir de seus níveis de consciência e de organização era apresentada criticamente como produto de deformação trotskista da revolução:

[...] despertar, pois, a espontaneidade latente dos trabalhadores. Para obter esse fim, a guerrilha não é a forma mais elevada de luta revolucionária, é necessário instalar na base o ‘duplo poder’ [...] chamar à formação de comitês de usina e de comitês de camponeses, cuja proliferação permitirá enfim constituir a Confederação Única dos Trabalhadores [...] [que] através da insurreição instantânea [contemporânea] e geral da montanha e da cidade, será o instrumento da tomada do poder. O trabalho de agitação deve, desde já [o início] aspirar a desencadear greves e manifestações operárias. Na campanha, a construir sindicatos camponeses; proceder a invasões de terras [...].<sup>40</sup>

No discurso conclusivo da OLAS, Fidel Castro explicitava a proposta da introjeção da consciência revolucionária nas classes trabalhadoras, desde afora, pelo ato militar exemplar de pequeno destacamento de revolucionários, como citado: “Quem pare à espera que as idéias triunfem primeiro nas massas, de maneira majoritária, para iniciar a ação revolucionária [armada], não será jamais revolucionário.”<sup>41</sup>

A “concepção do desenvolvimento da luta armada como ponto de partida de um processo revolucionário” constituía uma verdadeira “ruptura estrutural com o marxismo revolucionário”, que compreendia e compreende a luta frontal “como o resultado de um processo político de maturação, na consciência e organização” das classes trabalhadoras, que se efetua “quando o desenvolvimento da dualidade de poder já objetivamente dividiu a sociedade em dois poderes autônomos e contraditórios”. Uma visão marxista revolucionária tradicional e ortodoxa que jamais viu o processo insurrecional como uma “concepção militar de guerra”, como “uma tática militar escolhida entre tantas outras para fazer frente a um inimigo poderoso”, mas como o resultado de um processo de amadurecimento político da “classe trabalhadora, que determina e se determina por uma situação revolucionária.”<sup>42</sup>

Na estratégia foquista da revolução, o processo duro, longo, contraditório de maturação da organização e da consciência dos trabalhadores, responsável pela própria construção dos oprimidos como demiúrgos do novo mundo – “A libertação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores” –, era substituído pela implantação, em um canto perdido de uma serra, de pequeno núcleo de jovens, formado, inicialmente, sobretudo por “estudantes e intelectuais revolucionários”, como assinalado.<sup>43</sup> Jovens que sequer necessitavam de formação política acabada, já que a luta armada contra as forças da repressão e o imperialismo se responsabilizaria pela formação dos quadros, devido

à capacidade social e ideológica terapêutica da dura vida do guerrilheiros no meio das selvas tropicais! Visão que deduzia a consciência política da fortaleza moral no confronto militar, e não da absorção-expressão do programa e das visões de mundo dos trabalhadores para a superação das contradições sociais.

### Uma questão militar

O foquismo propunha, portanto, a gênese direta do processo revolucionário e socialista a partir de um simples e pequeno núcleo de jovens protagonistas excelentes, “estranhos” e sem relações orgânicas com a população rural local, para não arcar com o peso das “famílias dos combatentes”, como “evacuação da população”, “guarda do gado e das propriedades agrícolas, etc.”, que dificultariam a mobilidade e efetividade militar do destacamento.<sup>44</sup> “A guerrilha é independente, na sua ação e organização militar, da população civil, e não tem, conseqüentemente, de assumir a defesa direta da população camponesa.”<sup>45</sup> Tamanha seria a dominância das tarefas militares que sequer a agitação política era recomendável.<sup>46</sup> A grande forma de propaganda seria o combate armado! A “destruição de um caminhão de transporte de tropas ou a execução pública de um policial torturador” fariam “mais propaganda efetiva entre” os camponeses do que “duzentos discursos”.<sup>47</sup> Concepção que supunha possuir o campesinato latino-americano como um todo ampla consciência política, ao considerá-lo capaz de ver nos guerrilheiros agentes de um movimento social, não estranhos bandoleiros.

Portanto, para a visão foquista da revolução latino-americana, não importando qual fosse o nível de organização e de disposição de luta das classes trabalhadoras e populares, o pequeno grupo de demiúrgos revolucionários, como vimos, necessariamente dissociados da vida objetiva da população rural do campo de atuação, para não dificultar a marcha incessante nas selvas, *injetaria* finalmente no campesinato a disposição revolucionária necessária para a adesão à luta armada. Realizada essa ligação inicial, a coluna guerrilheira avançaria rapidamente, agregada por adesões maciças, em direção às cidades, ao igual do que se acreditava ter ocorrido em Cuba no segundo semestre de 1958.

Portanto, do ponto de vista estratégico, o foquismo apresentou-se como proposta da desnecessidade da crise revolucionária, ou seja, de disposição subjetiva das classes populares para encetar a disputa armada pelo poder, já que a instalação em qualquer condição da luta insurrecional pelo pequeno grupo de jovens militantes armados ensejaria, necessariamente, a tomada de consciência pelas massas, sobretudo rurais, na necessidade de assalto ao poder, devido, sobretudo, à situação de miséria objetiva que conheciam. Uma proposta que se apoiava, igualmente, na visão ingênua de que, quanto mais miserável era a situação de uma população, maior seria seu nível de consciência, no mínimo latente [“miserabilismo revolucionário”]. Visão que se apoiava na generalização para toda a América Latina, em todos os momentos, do nível de consciência e de disposição de

luta da população rural cubana, sobretudo nos meses finais da revolução.

### A emancipação dos trabalhadores

A subalternidade das classes trabalhadoras modernas urbanas cubanas na estratégia inicial do 26 de Julho, decorrência do caráter democrático-burguês e nacional-desenvolvimentista original do movimento, que se opunha à luta de classes e jamais pregou a construção do socialismo, de certo modo, emergia na proposta revolucionária de caráter socialista, devido à radicalização da revolução e da direção cubana após a conquista do poder. Nesse sentido, o foquismo constituiu, igualmente, a negação objetiva do papel dirigente dos trabalhadores organizados, substituídos por grupo de guerrilheiros, dos quais se exigiam juventude e integridade moral e se dispensava formação política sólida, como proposto: “Uma perfeita educação marxista-leninista não é, inicialmente, uma condição imperativa.”<sup>48</sup> Em verdade, as preocupações programáticas com o socialismo eram apontadas como próprias dos “trotskistas”, definidos como provocadores, que davam “uma grande importância ao caráter socialista da Revolução, ao seu programa futuro [...]”.<sup>49</sup> Paradoxalmente, o impacto da Revolução Cubana e o imediatismo revolucionário fidelista influenciaram e desorganizaram também importantes setores do movimento trotskista latino-americano da época.

Como apenas assinalado, nessa visão romântica, ecológica e campestre da revolução social, a dura vida do jovem guerri-

heiro na floresta era o âmago do processo revolucionário! Fidel dissera que a “cidade” era “um cemitério de revolucionários”. Régis Debray completava lembrando que a “montanha” preletarizava “o burguês e o camponês”, enquanto a “cidade” podia “aburguesar até os proletários”, devido às facilidades e aos confortos permitidos pela vida urbana, com suas casas de comércio, água encanada, luz elétrica, banhos quentes e “prolongados”!<sup>50</sup> Nesse contexto geral, quando “uma guerrilha” falava com “seus representantes urbanos ou no exterior”, tratava com a “sua burguesia”.<sup>51</sup>

Devido à decadência ideológica e política tendencial do militante revolucionário urbano, era lógico que a direção política do movimento deveria, necessariamente, se encontrar nas mãos da guerrilha rural, mesmo quando a organização revolucionária nas cidades superasse fluvialmente o pequeno núcleo guerrilheiro, como ocorreu em Cuba, antes e mesmo imediatamente após o fracasso da greve geral de abril de 1958.<sup>52</sup> “[...] é preciso que a guerrilha seja reconhecida como a ala diretora e motriz do movimento.”<sup>53</sup> Posição sancionada por Fidel Castro na conclusão do encontro da OLAS: “A guerrilha está chamada a ser o núcleo fundamental do movimento revolucionário.” É absurda a “concepção de que desde a cidade se pode dirigir o movimento guerrilheiro”.<sup>54</sup>

### Chega de discussão!

Considerando-se as difíceis condições de contato entre os militantes da cidade e a direção da guerrilha, sempre serpente-

ando as serranias desertas para fugir às tropas repressivas, eleito o chefe guerrilheiro, dirigente geral do movimento, proceder-se-ia à “suspensão temporária da *democracia interna* no Partido e” à “abolição temporária das regras do centralismo democrático”.<sup>55</sup> Nos fatos, não se elegia um secretário-geral, mas um verdadeiro soberano, eventualmente temporário. Por outro lado, a guerrilha rural exigiria o fim dos pesados aparatos partidários urbanos, da “tradição das comissões, secretariados, congressos, conferências, plenários ampliados, reuniões e assembleias em todos os escalões nacional, provincial, regional ou local.”<sup>56</sup> Havia que liquidar com o “vício deliberante”, denunciado por Fidel, oposto “aos métodos executivos, centralizados e verticais, combinados com uma grande independência tática dos organismos subalternos”, exigidos pela “condução de operações militares” nas selvas.<sup>57</sup>

Portanto, uma revolução lançada por um núcleo de guerrilheiros predestinados, nos altos das serranias, sem maior participação dos trabalhadores urbanos e rurais, expectadores dessas luta de jovens e apenas jovens prometeus, já que a militância revolucionária era praticamente monopólio de militantes de trinta e menos anos, devido à fortaleza física exigida pela vida guerrilheira nas montanhas! Uma visão que terminou, não apenas por razões estratégicas, apontando o campesinato como vanguarda de processo revolucionário que propunha – sem necessidade de grande propaganda – a luta pelo socialismo. Proposta rústica, de cunho *blanquista*, em absoluto e total antagonismo com a teoria marxista de crise

revolucionária e de assalto ao poder, mas fortalecida, como já assinalado, pelo prestígio da Revolução Cubana.

Concorriam, igualmente, para a enorme aceitação das teses foquistas dois grandes fenômenos. Primeiro, o rompimento da direção fidel-guevarista, ainda que destrambelhado, com as propostas de colaboração social, defendidas pelos partidos comunistas, de frente única com as burguesias nacionais *progressistas*, que haviam levado a derrotas históricas, como a do Brasil de 1964. Lembrava Fidel, em 1967: “Porque há teses que têm quarenta anos de idade; a famosa tese sobre o papel [...] das burguesias nacionais. Quanto trabalho custou convencer-se de que esse é um esquema absurdo para as condições desse continente; quanto papel, quanta frase, quanta falação. Na espera de uma burguesia liberal, progressista, antiimperialista.”<sup>58</sup> Segundo, o fato que essa estratégia revolucionária profundamente incorreta e essencialmente antioperária, nascida de absolutização dos fatos da serra Maestro, apoiava-se na consciência da necessidade da expansão da revolução para a América Latina, para consolidar e fazer avançar a revolução socialista em Cuba, duramente cercada e atacada pelo imperialismo desde 1961.

## O grande desastre do foquismo na América Latina

Com ênfase em meados de 1960, por em torno de uma década, a proposta foquista impregnou e determinou profunda-

mente, sobretudo – mas não apenas –, a vanguarda de esquerda latino-americana, com enorme destaque para a juventude estudantil universitária e secundária, ensinando sucessão de tentativas, em geral pateticamente desastrosas, de implantação de focos guerrilheiros, não raro em regiões singularmente isoladas e desabitadas do continente, para dificultar a chegada das forças repressoras, como recomendava o receituário – Ejército de Libertación Nacional – ELN – (Colômbia); Fuerzas Armadas de Libertación Nacional – FALN (Venezuela); Ejército Guerrillero del Pueblo (Salta, Argentina); Ejército de Libertación Nacional (Bolívia); Fuerzas Armadas Revolucionárias – FAR (Guatemala); Ejército de Libertación Nacional – ELN (Peru), Fuerzas Armadas Revolucionarias – FAR (Argentina), etc. No Brasil, em 1966, surgiu um primeiro núcleo de uma vintena de guerrilheiros, sobretudo de jovens ex-militares experientes, fortemente ligados ao líder nacionalista e populista Leonel Brizola, na serra do Caparaó, na divisa entre os estados de Espírito Santo e Minas Gerais, com o apoio direto de Cuba. O caráter agreste da região e a enorme desconfiança da rala população rural ensinaram literal derrota do foco em abril de 1967, praticamente sem enfrentamento com as forças repressivas.<sup>59</sup> Em 1970, mais de setenta por cento dos noventa milhões de brasileiros já viviam nas cidades!

Despreocupadas com as condições objetivas da correlação de força e de consciência dos oprimidos, sobretudo de suas vanguardas sociais industriais, essas visões levariam à aventura guevarista no

Congo, em abril-novembro de 1965, e, a seguir, ao desastre final boliviano, com a morte do próprio Che, em 8 de outubro de 1967.<sup>60</sup> Uma derrota que sequer ensejou reflexão sobre o enorme isolamento social em que o foco soçobrou, explicada sobretudo como devida às dificuldades nascidas quando da *sempre difícil implantação* do núcleo guerrilheiro.<sup>61</sup> Ao contrário, sob a consigna “Volveremos a la montaña”, na senda de Guevara, seguiu, não raro literalmente para a morte, toda uma geração de jovens revolucionários na Bolívia, no Brasil, no Peru, na Argentina, etc. Movimento que galvanizou igualmente segmentos da juventude europeia radicalizada, facilitando o nascimento de grupos armados, sobretudo na Alemanha, França, Itália.

Na América Latina, onde eram imensas as dificuldades para a instalação de foco rural, sobretudo devido ao caráter gritantemente esdrúxulo da proposta para países fortemente urbanizados como o Uruguai, a Argentina, o Brasil, etc., conheceu-se a readaptação daquela política para as cidades, através do foquismo urbano, sobretudo na versão da “propaganda armada” e “ações exemplares”, destinadas a incutir nas classes trabalhadoras, sempre de fora para dentro, a disposição pela luta direta pelo poder – Brasil: Ação Libertadora Nacional (ALN); Comando Nacional Revolucionário; Vanguarda Popular Revolucionária (VPR); Vanguarda Revolucionária Palmares (VAR-Palmares); Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8); Uruguai: Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros (MLN – T); etc. Como assinalado, muitas dessas organizações

nasceram da enorme pressão da crise revolucionária, do fracasso da via nacional-colaboracionista e do enorme prestígio do guevarismo-fidelismo junto ao movimento comunista latino-americano, que comumente se fracionou ou cedeu militantes em favor das organizações militaristas, como no caso excelente da Ação Libertadora Nacional, de Carlos Marighella.

O prestígio das visões fidel-guevaristas provocou, igualmente, enormes estragos nas próprias organizações trotskistas e marxistas não stalinistas: no Brasil, a OMR-Polop (não-trotskista); o POC (neo-trotskista); ou organização claramente trotskista como o Partido Revolucionário de los Trabajadores (PRT); a nascida da aproximação e fusão, em 1963-5, do Partido Obrero (PO), dirigido por N. Moreno, com grupo americanista do norte da Argentina; o Frente Revolucionário Indoamericano Popular (FRIP). O fracionamento dessa organização, em fevereiro de 1968, em Buenos Aires, quando do IV Congresso do PRT, deu nascimento a organização militarista de inspiração guevaro-fidelista, o chamado PRT-Santucho, que no seu V Congresso, após novo fracionamento, deu origem ao PRT-Ejército Revolucionário del Pueblo e se lançou à luta armada incondicional, até seu literal aplastamento pela repressão policial e militar, em fins de 1976. Nesse momento, o movimento de massas na Argentina se encontrava em pleno retrocesso.<sup>62</sup>

Destaque-se nesse processo a enorme responsabilidade da direção do Secretariado Unificado da IV Internacional, sobretudo de seus principais dirigentes de

então, Ernest Mandel (1923-1995) e Lívio Maitan (1923-2004) e sua equipe francesa, que, certamente pressionados por juventude universitária europeia galvanizada pela experiência cubana e pela romântica proposta de atalho rápido para a conquista do poder, através da destemida adesão incondicional à luta armada, renderam-se a essas propostas quando realizadas na América Latina. Na edição revista de 1972 de *La Quatrième Internationale: contribution à l'histoire du mouvement trotskiste*, Pierre Frank, antigo dirigente mundial do SU, assinala, exultante, entre os avanços das seções daquela organização no mundo após o IX Congresso mundial, de 1969, que referendava as ações militarista, a seção argentina: “Na Argentina, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (P.R.T.), dirigente político do Exército Revolucionário Popular (E.R.P.), começou uma luta armada na qual algumas de suas operações valeram-lhe um renome e um prestígio em toda a América Latina.”<sup>63</sup>

Jamais foi feita por essa organização e seus responsáveis autocrítica efetiva sobre essa política. O PRT-ERP constituiu a seção argentina da IV Internacional (SU) até fins de 1972, quando, devido à proposta da sua direção (Roberto Santucho) de abandonar o programa socialista por ampla frente anti-imperialista, surgiu a pequena Fração Roja do PRT-ERP, apoiada e inspirada pelo SU. A nova seção daquela IV Internacional prosseguiu na luta armada vanguardista incondicional, até sua rápida e total extinção física.<sup>64</sup>

## Um fim sem balanço

Em meados da década de 1970, as teorias foquistas encontravam-se praticamente desmoralizadas pelos seus incessantes e trágicos fracassos, motivando a pronta retirada do apoio antes concedido pela direção cubana, sem um efetivo balanço e autocrítica real dos resultados a que levava. O abandono da política da quebra do isolamento de Cuba, pela da expansão da revolução, foi substituído pela procura de estabelecimento de relações diplomáticas com todos os países do continente, à exceção dos EUA. Realinhada com a política de “coexistência pacífica” da direção da URSS, a direção fidelista recomendou expressamente que o movimento sandinista não avançasse em direção ao socialismo – “não imitasse Cuba” – e intermediou, mais tarde, a rendição dos revolucionários nicaraguenses e salvadorenos. Nesse complexo geral, compreende-se por que até hoje a direção cubana não realizou balanço efetivo sobre a dramática política que propusera e sustentara. No seio da esquerda marxista e classista, jamais se procedeu, igualmente, a uma crítica ampla e sistemática sobre o imenso sucesso das visões militaristas da revolução na América Latina e de suas raízes e decorrências político-ideológicas profundas, sobretudo devido ao enorme refluxo do movimento de massas a partir dos anos 1980.

Em caráter exploratório, sugiro algumas razões que influenciaram profundamente aqueles fatos. Cuba jamais foi país com classe operária urbana forte e moderna, não superando, por razões objetivas,

tal *handicap* sequer após a revolução. Sobretudo originalmente de extração pequeno-burguesa e não marxista, a direção fidel-guevarista, que soube acompanhar e impulsionar a radicalização socialista da revolução e compreender a necessidade de sua expansão, realizou o balanço e a universalização rural e guerrilheira da revolução assinalada, que serviu, igualmente, para consolidar sua hegemonia interna e externa e sua perpetuação na direção do país.

Em boa parte da América Latina, era muito frágil a inserção da esquerda marxista no movimento operário, não raro de constituição recente e fortes raízes camponesas. No Brasil, apenas o PCB e um pouco o PC do B possuíam alguma inserção em uma classe operária dominada pelo nacionalismo burguês e pequeno-burguês getulista, janguista, brizolista, etc. Na Argentina, o movimento operário, sob hegemonia peronista, sofreu, igualmente, o influxo guevarista, não apenas através dos Montoneros, como já proposto. Destaca-se o fato de o Chile ter tido um caminho diverso na América Latina. Sobretudo devido à hegemonia indiscutível de uma classe trabalhadora fortemente organizada em torno dos PC e PS e de uma Central Única de Trabalhadores, os grupos guerrilheiros tiveram significado marginal, reduzindo-se substancialmente ao MIR, que, nascendo sob a “influência da Revolução Cubana”, defendeu “a guerrilha rural, as ações diretas”, em “pleno desenvolvimento do ascenso” “do movimento operário chileno de 1967”, e “se orientou para os setores marginais [da população], procurando encon-

trar nos elementos mais explorados, mais miseráveis, os setores mais radicalizados”.<sup>65</sup> Porém, mesmo antes da vitória da Unidade Popular, em 1969, não se lançou realmente às expropriações e ações armadas, o mesmo ocorrendo com outros grupos pequenos, como o MR2. A única exceção foi o grupúsculo Vanguarda Organizada del Pueblo (VOP). Durante a Unidade Popular, empurrado pela luta de classes, o MIR esforçou-se para conquistar a direção da vanguarda dos trabalhadores urbanos e rurais mais avançados.

A forte, consciente e organizada classe trabalhadora chilena soube radicalizar o projeto nacional-reformista da Unidade Popular, através da conquista praticamente total do setor produtivo e de grande parte do setor rural do país, mas não conseguiu, no momento final do assalto ao poder, construir a direção política de que necessitava. Registre-se o fracasso do MIR nesse processo, com forte responsabilidade de sua direção fidelista, que se autoperpetuou em forma autoritária e antidemocrática no comando da organização, certamente se apoiando na ojeriza à democracia das organizações políticas militarizadas, sem jamais abandonar projeto não explícito de se transformar no braço armado da UP, em um confronto direto com o a burguesia, ou na espinha de um exército popular, que acreditava que se constituiria após a derrota da mesma. Salvador Allende e a direção da Unidade Popular traíram a revolução, literalmente entregando os trabalhadores à reação, com destaque para a repressão do movimento antigolpista dos suboficiais e marinheiros da Armada semanas antes

do golpe; para o acordo com a Democracia Cristã para o plebiscito sobre a permanência de Allende no poder e, finalmente, para a negativa de comandar a resistência armada para não questionar as instituições burguesas. O MIR abandonou o combate no início do 11 de setembro para preparar-se para a “luta dura e prolongada”, que o levou ao literal massacre, sem ter jamais passado à ofensiva, mesmo tática, no contexto do profundo e inevitável refluxo do movimento social que se instalou após a vitória da contrarrevolução, em mais uma forte sequela política determinada pelas visões militaristas da revolução no processo revolucionário chileno.

Socialmente, a luta guerrilheira foi, em geral, hegemônica por segmentos radicalizados da classe média, em processo de empobrecimento e perda relativa de poder, que reivindicaram a ideologia operária e socialista, mas não raro disputaram com os trabalhadores, de forma inconsciente, a direção do processo revolucionário. O caráter protagonista do guerrilheiro, herói e demiurgo individual do movimento social foi sempre estranho à militância sindical e operária, caracterizada pela associação, colaboração e anonimato nascido da grande produção moderna. As grandes e fortes mobilizações operárias latino-americanas realizaram-se sem programa e sem direção revolucionária, como a tentativa de greves de 1968 no Brasil, o Cordobazo de 1969, a grande greve general uruguaia de 1974, etc., num momento em que uma enorme parte da vanguarda sonhava ou já empreendia o assalto armado e imediato ao poder, despreocupada com a necessaria-

mente lenta construção orgânica e programática das classes trabalhadoras e de sua direção-aliança com os demais movimentos sociais.

O foquismo rural e urbano não foi a causa nem o responsável pela implantação, de ditaduras na América Latina. Porém, serviu de justificativa para aqueles regimes que não raro se esforçaram em liquidar fisicamente boa parte da vanguarda revolucionária e reprimir sistematicamente o movimento social como um todo. Sobretudo, como assinalado, desorientou o esforço e a ação de amplos setores da já restrita vanguarda política latino-americana. Com a vitória da contrarrevolução mundial em fim dos anos 1980 e a enorme vaga conservadora que se abateu sobre o mundo, com a dissolução e retrocesso das organizações de esquerda e de classe e a anatematização do próprio princípio de revolução, esses anos e esses fatos foram lançados no semiolvido, entregues às incursões eventuais de jornalistas e historiadores. Esquecimento que contou com a simpatia de muitos envolvidos nos sucessos armados, sobretudo quando reciclados para a política tradicional, desinteressados em iluminar esses convulsionados anos em que uma enorme parcela da esquerda revolucionária se lançou ao ataque direto e incondicional do poder para a construção de um futuro socialista.

“Nous retournerons dans les montagnes!” Sur le foquisme et la lutte révolutionnaire en Amérique Latine

## Resumé

Cet article aborde le caractère tardif du marxisme en Amérique Latine, attribué à l'inexistence, jusqu'aux premières années du XXème siècle, d'une classe ouvrière capable de mener à bien un projet d'émancipation sociale. Il met en évidence le fait que, lors de la première industrialisation, le mouvement communiste, sous une direction staliniste, favorisa la collaboration avec la bourgeoisie, ce qui facilita le contrôle populiste-bourgeois de la classe ouvrière. Ce travail considère la Révolution Cubaine comme l'une des raisons fondamentales de la crise relative de la direction staliniste dans les années 1960. Il y est proposé que la généralisation des thèses fidel-guevaristes dans l'avant-garde constitua une entrave à la révolution, malgré la présence de conditions objectives-subjectives favorables. Il tente également de montrer que ces positions sont nées de la généralisation d'un bilan qui surestimait le rôle de la guérilla rurale, sans tenir compte du fait que la dictature en Cuba avait désorganisé la crise révolutionnaire. Le désastre et la confusion politiques que ces erreurs ont entraînés en Amérique Latine sont également examinés dans ce travail.

*Parole Clé:* Foquisme. Révolution Cubaine, Mouvements Sociales.

## Notas

- <sup>1</sup> Comunicação à mesa-redonda do Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte “Marxismo e Ciências Sociais”. 24-26 de novembro de 2008, Natal, Rio Grande do Norte.
- <sup>2</sup> Cf. SORIANO, Waldemar Espinoza (Org.). *Los modos de producción en el Império de los Incas*. Lima: Amaru, 1985.
- <sup>3</sup> Cf. BRUXEL, Arnaldo. *Os trinta povos guaranis*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Sulina, 1978; LUGON, Clóvis. *A República “comunista” cristã dos guaranis: 1610-1768*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977; SEVERAL, Rejane da Silveira. *A Guerra Guaranítica*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995; CARNEIRO, Edison. *Quilombo dos Palmares*. 4. ed. fac-similar. São Paulo: CEN, 1988; FREITAS, Décio. *Palmares: a guerra dos escravos*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984; PÉRET, Benjamin. *O Quilombo dos Palmares... Organização, ensaios e estudos complementares de Robert Ponge e Mário Maestri*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.
- <sup>4</sup> Cf., entre outros, TOURON, L. S. de; TORRE, N. de; RODRIGUEZ, J. C. *Artigas y su revolución agrária: 1811-1820*. México: Siglo XXI, 1978. 323 p.
- <sup>5</sup> Cf., entre outros, GISLER, Antoine. *L’esclavage aux Antilles françaises*. Paris: Karthala, 1981; JAMES, C. L. R. *I giacobini neri: la prima rivolta contro l’uomo bianco*. Milano: Feltrinelli, 1968 (1. ed. 1938); SHOELCHER, Victor. *Toussaint Louverture*. Paris: Karthala, 1982 (1. ed. 1889).
- <sup>6</sup> Cf. ANDRADA E SILVA, Raul de. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai: 1814-1840*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, 1978; PEÑA, Milcidades. *La era de Mitre: de Caseros a la Guerra de la Triple Infamia*. 3. ed. Buenos Aires: Fichas, 1975; POMER, León. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2. ed. São Paulo: Global, 1980; RIVERA, Enrique. *José Hernández y la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Colihue, 2007; ROSA, José Maria. *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas*. Buenos Ayres: Hyspamérica, 1986; SOUSA, Jorge Luiz Prata de. *Escravidão ou morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Mauad/ADESA, 1996.
- <sup>7</sup> Cf. ARICÓ, José. *Marx e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 164.
- <sup>8</sup> Cf. BOURGUIN, Georges. *Histoire de la Commune*. Paris: Société Nouvelle de Libraire, 1947; BRUHAT, Jean et al. *La Commune de Paris*. Paris: Éditions Sociales, 1960; GONZÁLEZ, Horácio. *A Comuna de Paris: os assaltantes do Céu*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999; LISSAGARAY, Hippolyte Prosper Oliver. *História da Comuna de Paris*. 2. ed. São Paulo: Ensaio, 1991; RECLUS, Elisée. *La Commune ou jour le jour*. Paris, 1905.
- <sup>9</sup> Cf. CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1850-1888*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.
- <sup>10</sup> Cf., entre outros, EBELOT, Alfredo. *Frontera sur. Recuerdos y relatos de la campaña del desierto (1875-1879)*. Buenos Aires: Kraft, 1968; ASSUNÇÃO, Fernando O. *Historia del gaucho*. Buenos Aires: Claridad, 1999; BARSKY, Osvaldo. *Historia del capitalismo agrario pampeano: la expansión ganadera hasta 1895*. I. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003; GIBERTI, Horácio C. E. *Historia económica de la ganadería argentina*. 2. ed. rev. e cor. Buenos Aires: Solar, 1986. (1. ed. 1954).
- <sup>11</sup> Cf., entre outros, LANSFORD, W. D. *Pancho Villa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; WOMACK JUNIOR, John. *Zapata e a Revolução Mexicana*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- <sup>12</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Paris: Aillaud, Alves, 1911; FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; MONIZ, Edmundo. *Canudos: a guerra social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elo, 1987; VILLA, Marco Antônio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1995; MAESTRI, Mário; MACEDO, José Rivair. *Belo Monte: uma história da guerra de Canudos*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- <sup>13</sup> Cf. URAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Ed. UFSC; Cortez, 1984; BERNADET, Jean Claude. *Guerra camponesa no Contestado*. São Paulo: Global, 1979; QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- <sup>14</sup> Cf., entre outros, BADARO, Marcelo. *Novos e velhos sindicalismo no Brasil*. Tese (Doutorado em História) - UFF, RTexto Impresso, 1998; BOITO JR, Armando. *Sindicalismo e política neoliberal no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2000; CARONE, E. *Socialismo e anarquismo no início do século*. São Paulo: Vozes, 1996.

- <sup>15</sup> BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis; ANDRADE, A. T. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- <sup>16</sup> Cf. VITALE, Luis. *Interpretación marxista de la historia de Chile*. Santiago de Chile: P.L.A, 1969.
- <sup>17</sup> Cf. FRANK, Pierre. *Histoire de l'Internationale Communiste*. 1919-1943. Montreuil: La Brèche, 1979. 2. v.
- <sup>18</sup> Cf. HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *Aliança Nacional Libertadora: ideologia e ação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985; MONTAGNA, Wilson. *A Aliança Nacional Libertadora (ANL) e o Partido Comunista Brasileiro (1934-1935)*. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo, 1988; OLIVEIRA, Marcos Aurélio Guedes de Oliveira (Org.). *O Comintern e a Aliança Nacional Libertadora*. Recife: Bagaço, 1996; PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- <sup>19</sup> ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. *Na contracorrente da história: documentos da Liga Comunista Internacionalista, 1930-1933*. São Paulo: Brasiliense, 1984; ALEXANDER, Robert Jackson. *Trotskyism in Latin America*. Stanford: Stanford University, 1973; COGGIOLA, Osvaldo. *O trotskismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- <sup>20</sup> Sobre o POR boliviano
- <sup>21</sup> Cf., por exemplo, BAMBIRRA, Vânia. *A Revolução Cubana: uma re-interpretação*. Coimbra: Centelha, 1975.
- <sup>22</sup> RAMÍREZ, Roberto. Cuba frente a una ecrujiada: um debate crucial en la izquierda. *Socialismo & Barbarie*, Buenos Aires, nov. 2008. p. 90-91.
- <sup>23</sup> CASTAÑEDA, J. G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 109.
- <sup>24</sup> Cf. CASTRO, Fidel. *La historia me absolverá: autodefensa de Fidel Castro ante el Tribunal de Urgência de Santiago de Cuba el 16 de octubre de 1953*. Cuba: Ediciones Populares, 1961. p. 32.
- <sup>25</sup> CASTAÑEDA, J. G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 127.
- <sup>26</sup> FURIATI, Claudia. *Fidel Castro: uma biografia consentida. Do menino ao guerrilheiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001. p. 460.
- <sup>27</sup> Idem, p. 465
- <sup>28</sup> Idem, p. 468.
- <sup>29</sup> Cf. [www.autentico.org/oa09042.php](http://www.autentico.org/oa09042.php)
- <sup>30</sup> CASTRO, Fidel. *La historia me absolverá*, p. 55 et seq.
- <sup>31</sup> Apud BAMBIRRA, ob. cit., p. 251.
- <sup>32</sup> CASTAÑEDA, J. G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 113, 120, 147.
- <sup>33</sup> CASTRO, *La história* [...], p. 49.
- <sup>34</sup> BAMBIRRA, V. *A Revolução Cubana*, p. 201 et seq.
- <sup>35</sup> Cf. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de la primera conferencia de la Organización Latinoamericana de Solidaridad (olas), celebrada en el teatro "Chaplin", el 10 de agosto de 1967. <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f100867e.html> [destacamos]
- <sup>36</sup> Cf. DEBRAY, Régis. *Révolution dans la révolution? Lutte armée et lutte politique en Amérique Latine*. Paris: Maspéro, 1967. 138 p.
- <sup>37</sup> Idem, *Revolução na revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, [s. d.], p. 50.
- <sup>38</sup> Cf. JOSÉ ANTONIO [MM]. J. C. R.: un retroceso. Fracción Disidente del MIR [Chileno]. Bélgica, 28/12/1974. Cópia mimeografiada.
- <sup>39</sup> CASTRO. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz [...]. Ob. cit.
- <sup>40</sup> DEBRAY. *Revolução na revolução*, p. 23.
- <sup>41</sup> CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz.
- <sup>42</sup> Cf. JOSÉ ANTONIO [MM]. J.C.R.: un retroceso. Fracción Disidente del MIR [Chileno]. Bélgica, 28/12/1974. Cópia mimeografiada.
- <sup>43</sup> DEBRAY, Régis. *Revolução na revolução*, p. 9.
- <sup>44</sup> Idem, p. 30
- <sup>45</sup> DEBRAY, Régis. *Revolution dans la révolution?*, p. 41. Utilizamos o original francês já que, na tradução brasileira, foi subtraída a paradoxal referência à não responsabilidade do guerrilheiro pela defesa da população camponesa. "Em sua ação, como em sua organização, a guerrilha é independente da população civil. A proteção da população repousa na destruição [...]" DEBRAY, *Revolução na revolução*, p. 27.
- <sup>46</sup> DEBRAY, *Revolução na revolução*, p. 24 et seq.
- <sup>47</sup> Idem, p. 38.
- <sup>48</sup> Idem, p. 81.
- <sup>49</sup> Idem, p. 24.
- <sup>50</sup> Idem, 58, 54.
- <sup>51</sup> Idem, p. 54.
- <sup>52</sup> Idem, p. 77.

- <sup>53</sup> Idem, p. 58.
- <sup>54</sup> CASTRO, Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz [...]. Ob. cit.
- <sup>55</sup> DEBRAY. *Revolução na revolução*. Ob.cit. p. 82.
- <sup>56</sup> Loc.cit.
- <sup>57</sup> Loc.cit.
- <sup>58</sup> CASTRO. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz [...]. Ob.cit.
- <sup>59</sup> Cf. COSTA, José Caldas da. *Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- <sup>60</sup> Cf. GUEVARA. *Passagens da guerra revolucionária: Congo*. São Paulo: Record, 2000.
- <sup>61</sup> DEBRAY, Régis. *A guerrilha do Che*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1975.
- <sup>62</sup> Cf. SANTUCHO, Julio. *Los últimos guevaristas: la guerrilla marxista en 2 ed. Corrig. la Argentina*. Buenos Aires: B Argentina, 2005. pp. 38 *et seq.*
- <sup>63</sup> FRANK, Pierre. *La Quatrième Internationale: contribution à l'histoire du mouvement trotskiste*. Paris: François Maspero, 1973. p. 131. [Traduzimos]
- <sup>64</sup> SANTUCHO, J. *Los últimos guevaristas [...]*. Ob.cit. pp. 142 *et seq.*
- <sup>65</sup> ANTONIO [MM], SUSANA [SM]. [Carta] A los camaradas miembros de la dirección y a todos los militantes [del MIR]. Bruxelas, 1.12.1974.